

NOAH MANCINI



Noah Mancini é Bacharel Interdisciplinar em Artes e Design pela Universidade Federal de Juiz de Fora, MBA em Comunicação e Marketing pela Descomplica e Mestrando em Cinema e Artes do Vídeo pela Universidade Estadual do Paraná (Bolsista Fundação Araucária). Desenvolve seus trabalhos entre texto, corpo e imagem.

AMARRAS AFETIVAS NA OBRA DA RAINHA F.

Bem me quer, mal me quer. Quadro posto: o branco virginal, o manto que cobre a espera, alvas rendas. Um pedido de casamento ajoelhado. Quem eu quero não me quer. Vai depender se beltrano, vai querer. Cheiro de flores, badalar dos sinos, véu e grinalda. Em princípios cristãos, o comum destino de toda mulher: casar-se, ser casada, ser por alguém desposada, na pobreza ou - de preferência - na riqueza. Madre, padre. Matrimônio, casamento. Patrimônio, propriedade. Amém.

“Quem tem direito ao amor? Quais corpos podem ser amados? Quais são as condições para um final feliz? As fantasias nos vestem ou nós as vestimos? Quão solitária é a promessa de um par? Com quem será que a fulana vai casar?” são algumas das indagações que, através das imagens, o trabalho de Rainha F. provoca.

Rainha F. é artista visual, costureira e stylist. Estudante de Belas Artes na Universidade Federal do Rio de Janeiro, sobre sua ótica vivencial, investiga os códigos e simbologias matrimoniais, criando uma nova imagem para mecanismos emergentes de sobrevivência em corpos possíveis.

Tudo começa no cerne do lar, nas mirabolâncias bíblicas, nas balelas de princesa, o que é arraigado no comportamento de todos nós, desde a manjedoura do primeiro milênio. Nossa trajetória afetiva é produto de um secular amor romântico, das heranças sentimentais de vovó ao exemplo doméstico dos pais. Modelo cotidianamente reproduzido de família hetero cisnormativa, por trás de um véu calador de histerias, revelam-se nóias, neuras. Assim enganaram e fizeram-nos criar projeções de felicidade.

Ave maria desatina no altar, não há sacerdote nem bênção para dar. Rogai pelos não amantes, pelos não amados, pelos errantes, seja feita nenhuma vontade, flagelo na terra e castigo nos céus. Entre sigilos e traições, comprometimentos impostores, mil e uma noites de núpcias e bodas de papelão, a fachada ilusionista dos padrões relacionais se desvela por meio de silenciosos contratos, manchas anchas, plácitos impossíveis.

Para tomar de exemplo como essa poética se desenvolve, observemos a fo-

tografia analógica "Insulamento Desposório" (2023). No clique, as monumentais igrejas construídas com mão de obra escravagista ainda se mantém perpetrando as genocidas tradições. Localizada no Largo do Paissandu, no centro da cidade de São Paulo, o templo em questão foi construído pelos negros escravizados no século XVIII que não podiam comparecer às cerimônias dos brancos. Cravada nas contradições dos encostos cristãos, entre escadarias, grades, cruzes e espadas, Rainha confronta diretamente as estruturas excludentes da sua subjetividade. Posada quase de perfil, mas fitando a lente que a fotografa, encara objetiva a câmera que a captura e estabelece ironias entre as implícitas relações de poder na posição que ocupa. Em um templo onde tal corpo não é digno de sacralidade, em essência pecadora, questiona a incapacidade realizadora de seu desejo naquele ambiente.

Já na instalação "Eremítica" (2021)" e na fotoperformance "Enlace de Solitude"



Fotografia "Insulamento Desposório". Fonte: Acervo Rainha F.

(2019), as pistas de uma narrativa romântica manifestam-se enquanto indícios de laços matrimoniais: um vestido, um véu, sapatos brancos, um buquê de flores, um colar de pérolas, uma aliança dourada. Quando dispostos imagetivamente, evocam todas as juras de amor eterno que fizemos, ativam lembranças há muito repetidas, de fantasias incutidas, dos apaixonados equivocados, dos maliciosos fiéis, de

um amor cruel e desigual. Partindo de signos inconfundíveis em nosso imaginário, remete-nos aos votos proferidos tantas e tantas vezes no altar, honrarias da . Enquanto o tríptico fotográfico traz uma sobriedade deveras distante da ideia casamenteira, apontando as inclemências de tais códigos sociais e dissecando etapas de afetuosas desconsoações, a instalação fixa, sobre uma pequena almofada branca bordada envolto em um laço, um único anel - não há par - como centralidade acrímona dessa jornada da virgem, da heroína, da travesti.

É possível notar que muito do seu trabalho deriva de "Enxoval" (2018). Através da indumentária, linguagem que acompanha sua produção, dando continuidade não somente aos objetos provenientes de tal ação, mas também à desenvoltura de uma proposição performativa, Rainha sequênci a ficção matrimonial em muitas interpretações possíveis. Essa apresentação do trabalho em partes, separando peça por peça, nos detém em pontos específicos, assim como a torna agente fulcral desses movimentos.

Predestinada simbolicamente à solidão, a figura da noiva sem par, sempre desa-





Fotografias de "Enlace de Solitude" e "Eremítica". Fonte: Acervo Rainha F

companhada, no exercício da solitude, funciona quase como um tótem. Autônoma em sua significância, sola em propósito, não precisa de um noivo. Aparentemente dissociada de sua condição designada, começa a tomar rumos diferenciados, seja povoando o imaginário das lendas urbanas, se associando a tal paisagem, ou vertendo-se a figura basilar e una do casamento. Entre nós, laços e costuras, arremata incongruências ao moldar sentidos para fora do altar, sacraliza-se em outros preterimentos celestiais, estabelecendo uma ordem prioritária outra. Pela oração conjugal, tais arranjos sensíveis são feitos arquitetando a própria cerimônia, desposando a própria mão, casando consigo mesma. Na extrema unção da abastança de sua existência, em ritual canônico e sacramentada pela própria fé, declara que assim seja para todo o sempre. Amém.

ALEGORIAS DA MORTE NO TRABALHO DE JOÃO PEDRO



Nascido em Niterói e residente em Maricá, o artista João Porto, de 22 anos, como tantos outros à beira do Rio de Janeiro, desenvolve parte de sua pesquisa e estudo na capital do estado. Esse trânsito entre uma cidade e outra, articulada na busca de possibilidades para a execução de suas subjetividades, causa uma tensão de deslocamento a qual nossos corpos são condicionados a passar cotidianamente.

Celeiro fecundo de personagens e projetos políticos tão conservadores quanto desgovernantes, não só o território carioca mas todo o país, atualmente são palcos de um duradouro velório em grande estilo. Cenário farto para a visualização de certas imagens, que combinam em um mesmo frame discrepâncias abismais: abundância e miséria, felicidade e flagelo, céu e inferno em genuína experiência estética.

O trabalho "Cabide" (2020), serve como providencial alegoria para a expressão dessa ideia.

Um pedaço de ossada é suporte para amarrar uma bandeira, tecido retangular e ilustrado com padronagem que expressa a noção de pátria - nesse caso, do Brasil. Bandeira esta que originalmente serve para ser hasteada ao vento e ostentar a soberania de sua nação.



Isso nos faz pensar, que desde o princípio da construção sígnica da bandeira, seja nas cromáticas razões coloniais, ou pelo ideal positivista de uma oligárquica república, a concepção de pátria foi implantada em nossa educação através de *blá-blá-blás*.

Esta bandeira suja, amarrada em um osso, manchada de sangue pende na parede. Pendura pendências pesadíssimas, encobre séculos de ossadas desconstruídas, rotas extrativistas, trajetos sem volta, monoculturas e mono-versões de histórias mal contadas. O cachorro que acreditou no *pedigree* não quer largar o osso do fascismo.

Nessa junção de itens, correlações visuais, nasce também a série "Natureza Morta" (2020-atual) onde João embala a vácuo alguns objetos, combinados entre si, em diferentes sacos plásticos de 25×15cm. Uma rodela de laranja, dois cigarros, três conchas e três camisinhas desembaladas são encontrados em um, enquanto

o outro guarda flores rosadas, pedras roxas, e um pé de coelho branco. Já em um terceiro, produzido no ano de 2022, leva uma bruxa mariposa, dois frutos de anis estrelado e um espelhinho de bolsa metálico.



Brincando com o artificial e o natural, mistura matérias orgânicas como frutas e rochas, com produtos industrializados, a camisinha e o espelho. A natureza também é antropomorfia da matéria. Toda matéria possui um tempo de vida, como a carne, e até o próprio plástico que a embala sem ar. Nessa camada sintética que involucra a decomposição natural das coisas, tem-se um decesso capturado, mantido sobre observação e contemplação.

A morbidez dos trabalhos de João criam uma atmosfera artificada para carregar esse luto. Com apreço plástico e ares de arte fúnebre, em pesarosa vaidade padecendo na beleza, a exposição da morte gera uma sensação perturbatória e fascinante ao encarar o que não está ao nosso alcance. Escolher exhibir esse “feio” sublinha uma provocação aos olhos dos vivos: todo fim é certo.

A herança dadaísta e escultórica do ready-made se expressa na relação entre os objetos ali condensados, tirados de seus lugares de origem e gerando interferências de compreensão na ordinária narrativa: aparentemente antagônica, a dualidade que versa sobre a materialidade da vida, funciona na anulação de algo em

prol de outro, como se vida e morte, começo e final não partissem de um denominador comum.

O perecimento nas obras nos revela outras faces, admiráveis, arranjadas. Denunciam a afetação humana perante a ação do tempo. Petrificadas em condição mortífera, numa ausência auto-explicativa, formulam hipóteses para sublimar o fim.

Alguns trabalhos de João, da série "Natureza Morta", compõem a coletiva "O tempo das coisas", no Centro Cultural do Correios no Rio de Janeiro.

A exposição tem proposição de Edmilson Nunes, produção de Vinícius Monte, João Porto, João Quadros e Maria Clara Tecídio e conta com a participação de mais de 40 artistas.

São eles: 13unituh, Almeida da Silva, Amauri, Agrippina R. Manhattan, Allan Corsa, Anna Heizer, Arorá, Bel Petri, Bruno Magliari, Bob N, Camilla Braga, Clara Goldenstein, Clara Infante, Cláudio Cambra, Casulo, Cristina Suzuki, Desali, Edmilson Nunes, Edu Silva, Felipe Carnaúba, Glória Marchesini, Gabriel Gonçalves, Igor Nunes, Janice Mascarenhas, Jessica Kloosterman, Jarbas Lopes, João Porto, João Quadros, Jorge Duarte, Juliana Freire e Edson Pavoni, Luisa Pereira, Lina Ponzi, Lorena Pazzanese, Loren Mizú, Luiz Camaleão, Marcos Cardoso, Maria Clara Tecídio, Mariane Monteiro, Manoel Manoel, Marcus Lemos, Rafael Amorim, Raimundo Rodriguez, Renan Andrade, Renan Aguenta, Ronald Duarte, Rubens Mattos, Vinicius Monte e Virgínia Di Lauro.

A visitação fica aberta até 04 de Junho de 2022.

Publicado 13 de Maio de 2022 na Crítica Quinzenal.

PROCESSOS PEDAGÓGICOS NAS OBRAS DE ALEXANDRE PAES

O sistema educacional brasileiro, dia após dia, fracassa. Para além da precariedade na estrutura e negligência do governo, que atinge enfaticamente o ensino público, os métodos do saber já se provaram ineficazes ou até contraproducentes. Os alunos não gostam de ir para a escola, estudar é sofrimento, provação, que prova o quê? Nessas testagens de suas capacidades, se veem inferiorizados e incapazes, inaptos a executar tarefas discentes com qualquer devido esmero. Em tal metodologia de aprendizado, quem não se sucede bem não é digno da nota aprovadora, não é educando eficaz. O trauma da reprovação. A reprimenda, pesada obrigação. Diante de tantas outras possibilidades pedagógicas, tanto os educadores quanto os “educados” se veem presos em moldes que não fazem sentido. Foco, disciplina, atenção - sinônimos de negativas. Presos, prensados, programados de danos processuais pedagógicos.

Retrato da fatal proposta de aniquilação do Estado, por meio da desvalorização do salário, a falta de manutenção dos aparelhos públicos e o desinteresse em realmente conscientizar e praticar cidadania. Questão de ordem: adendo à cotidiana realidade que é a vida dos estudantes, a maioria em situação de vulnerabilidade econômico-social, onde os índices de evasão são altos, pelos mais variados e tristes motivos. Escola como barreira, como obstáculo. De que maneira adquirimos o conteúdo, decoramos, dentro do sistema de ensino? Quem sente saudade da escola? Quem gosta de estudar? Quando vou precisar disso? Para que servem as escolas? Como fertilizar a escola? Para ensinar o quê? Quem ensina e quem aprende? E o meu diploma?

Alexandre Paes (1978) é professor do ensino básico na rede pública do Rio de Janeiro, o estado federativo com mais sucateamento no setor educacional atualmente. Natural de Niterói, vive e trabalha no Rio de Janeiro, é artista plástico e professor. Mestrando e graduado em Artes

Plásticas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), desenvolve sua pesquisa estético-pedagógica sobre o universo escolar em comunidades com situação de violência

deflagrada no bairro de Bangu, Zona Oeste da cidade, onde se encontra um dos maiores complexos penitenciários da América Latina e onde se radicou há anos.

A cultura, tal qual a educação, é algo vivo, em constante movimento. Somos células do saber, repassantes e multiplicadoras de conhecimento. Por esse viés opera, por exemplo, o trabalho "Cultura" (2021), trazendo esforços de libertação. Alexandre se apropria de cadernos - suporte cheio de tabuadas, conteúdos copiados do quadro, correções, e toda uma trajetória avaliativa da intelectualidade daqueles sujeito - e bota sementes de plantas dentro deles. Permite que, através de seu crescimento, elas rompam com os limites das páginas e tragam outra vida; de alguma maneira destruindo o antigo conteúdo, mas possibilitando a formação de novos ciclos, mudas, não mudos: plantio de ideias. O respiro é o crescer da vida, onde temos que esperar para que se complete, brote, verde, viva.



Figura 1. Fotografias do trabalho "Cultura" (2021). Fonte: Instagram do artista.

Dialogando com a utilidade de um caderno, enquanto em um trabalho ele planta, em "Pressão" (2022), Alexandre prensa com parafuso e porca cadernos e livros didáticos. A obra se condiciona ao aprisionamento, à supressão, à compressão. Como isso não dá certo, nem as próprias folhas se sustentam gerando objetos com páginas sobrepujantes, esculturas de curvas assimétricas. Uma vez prensados, esses textos não podem mais ser acessados, anulando suas funções de aprendizado.

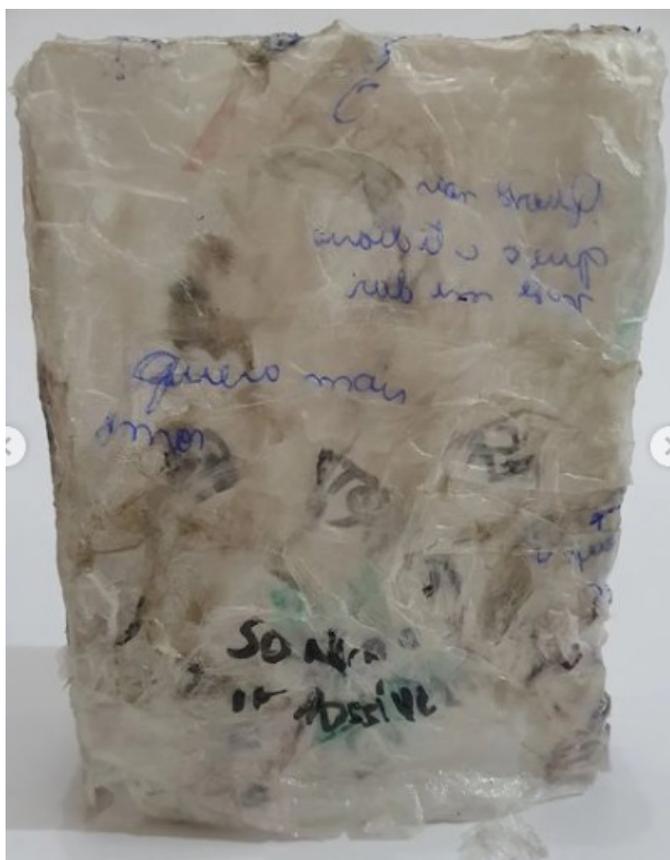


Figuras 3 e 4. Fotografias do trabalho "Pressão" (2022). Fonte: Instagram do artista.

Já no trabalho "Livro-Pele" (2022), o professor envolve os alunos. De que maneira a imaginação, as invenções, o lúdico têm essa dificuldade de ser tocado? Na dinâmica da brincadeira, o artista adapta um comportamento comum dos alunos em sala (usar a cola branca para fazer camadas epidérmicas), que a princípio conduta indisciplinada, materializa-se em trabalho artístico, mostrando que os mesmos não só podem ser criadores, autores, mas também usar vestígios de ações cotidianas com fins poéticos, fazedores de arte. De potencial transformador na feitura da obra, com a participação dos estudantes na manufatura do trabalho, propõe possibilidades de se englobar discente e docente numa maior horizontalidade, em alternativa de criação. Essa abertura dialógica com o brincar, pouco encontrada nos ambientes escolares, possibilita na lógica arteira um "desvio" disciplinar para criar suas próprias poesias da vida, em outras educações de ser.

Outros trabalhos são mais cortantes. Em "Escritaduras" (2019), na continuidade da recriação de objetos escolares, o artista faz um lápis e uma borracha de chumbo. Esses itens de alguma maneira fazem parte do dia-a-dia da sala de aula, mas aqui adquirem outras funções que são desassociadas das originais. A borracha nada apaga, apenas risca. E o lápis que poderia ser de grafite e ter suas caligrafias desfeitas pelo apagador, agora é impressor de incisões na superfície. Nessa técnica de imprimir a escrita, no trocadilho com a rigidez, se aproxima das

escrituras sagradas, voltando aos antigos tempos onde os dizeres eram talhados em madeiras, rochas. De uma tecnologia primeira, fornece aspecto de antiguidade totêmica, ativando os sujeitos manuseadores desses itens para escrever seus próprios mandamentos e testamentos.



Figuras 5 e 6. Fotografias do trabalho “Livro-Pele” (2022). Fonte: Instagram do artista.



Figura 7. Fotografia do trabalho “Escritaduras” (2019). Fonte: Instagram do artista.

Ao usar materiais diretamente ligados com a experiência colegial, como lápis, cadernos, livros didáticos e mistura-lo com elementos não convencionais como arames, metais, e até sementes, o artista-educador gera outros universos, suplantados pelo imaginário de quem cotidianamente vive na/da educação brasileira.

Não há muitas delongas no trabalho de Alexandre. Na maioria das vezes o processo está estampado do início ao fim, anunciando a própria construção. No explícito didatismo do antagonismo entre o explicado e o não tangível, tais ligações diretas - aparentemente simples - entre objetos que indiciam experiências pedagógicas, geram resoluções objetivas, como se por essência plástica o trabalho comunicasse sua ementa poética. Para além da propositividade, isso não significa que não entregue perguntas. Como olhar para dentro de nossas salas, atender e entender essas outras necessidades? Jogando com os signos da educação, lida com eles em sucessivos exercícios para outras pedagogias do viver: do oprimido, da libertação, da autonomia.

TADÁSKIA E SEUS UNIVERSOS BRINCANTES

Em nossas mentes, não muito longe e de certo não muito perto, coexiste uma vontade pura de experienciar as coisas viventes em genuinidade, de tocar uma essência sonhadora, de passear por sentidos norteadores de nossos devires, aces-sar uma inédita catarse, relacionado aos momentos especiais, às minuciosas pre-ciosidades, algo próximo da infância. A partir de sua produção, a artista Tadáskia nos ajuda a esboçar essas sensações.

Tadáskia é uma artista negra e trans, formada em Artes Visuais Licenciatura pela UERJ e mestra em Educação pela UFRJ, desenvolve trabalho em desenho, fotografia, instalação e têxtil mobilizando paisagens inventadas e místicas. Em sua prática, busca elaborar também as experiências imaginativas da diáspora negra, em torno de encontros familiares e estrangeiros. Entre seus últimos trabalhos des-tacam-se as exposições individuais: “noite dia” (Sé, São Paulo, 2022), “As pareci-das” (Madragoa, Lisboa, 2023) e “Rara ocellet” (Joan Prats, Barcelona, 2023).

Quando olho tais esboços - propagadores indiciais - no proceder do contar através de imagens, singulares e potentes ilustrações parecem dizer-me coisas em vibrações. Enviesam desenhos lúdicos, que trazem piscadelas de felicidade, esta-lam gracejos bem humorados, assobiam boas novas, saltitam riscos na superfície, inspirando brincâncias, nos levando para outros universos. Vvvrum, vrummy.



Imagem 01: Políptico “A Voadora” (2020). Fonte: Acervo da artista.

Mundos que nos preenchem, afagam a compreensão enrijecida das coisas ao redor, trazendo a leveza que existe também na vida. Xuuuá, xuááá. E por que não dizer sim? E se isso fosse aquilo, e se aquilo fizesse parte de nós? Por quê inventar? Para afagar momentos, proporcionar aconchegos, quenturas e frescores saídos de dentro para fora, do interior para o exterior, *inside to outside*.

Esse infante se faz presente em uma atmosfera da invenção, de mundos imaginados, de sensações que nos acometem em certa fugacidade temporal, mas são tão certas quanto memórias eternamente sentimentais. Podem ser também experiências que não necessariamente tenhamos vivido, mas nos revolve a uma nostalgia, ao sabor das nuvens com gosto de céu azul, ao sol que nos gira feito pião, zzzumm, zummm, rodopiando em suspiros, risos que voam, no bater de asas, na serenidade do que também não existe na compreensão material das coisas.



Imagem 02 e 03: Políptico "Laço (2020)". Fonte: Acervo da artista.

A utilização do lápis de cor em suportes de papel nos retorna ao lar, erês criantes, nas ações de primeiras meninices. Permeados de cores, contornos, riscos, e esfumados, tais desenhos vem nos contar histórias desses seres outros, oriundos de um espectro fantástico. Como na série "Laço" (2020), traços transformam-se em elos, mas também plumas, asas nadadoras, penas, pernas, braços voantes, fixadas no papel, pairando na imaginação. Essas características também aparecem em "A Voadora" (2020), onde fragmentos azuis dançam entre névoas douradas, que se transformam pela deriva do percurso. Outras séries, como "Sem Título" (2020), carvão e

lápiz sanguíneo sobre papel, parecem sequenciar pequenas anedotas de incendiárias raposas, talvez diferentes de seu grupo, e não por isso menos pertencentes.

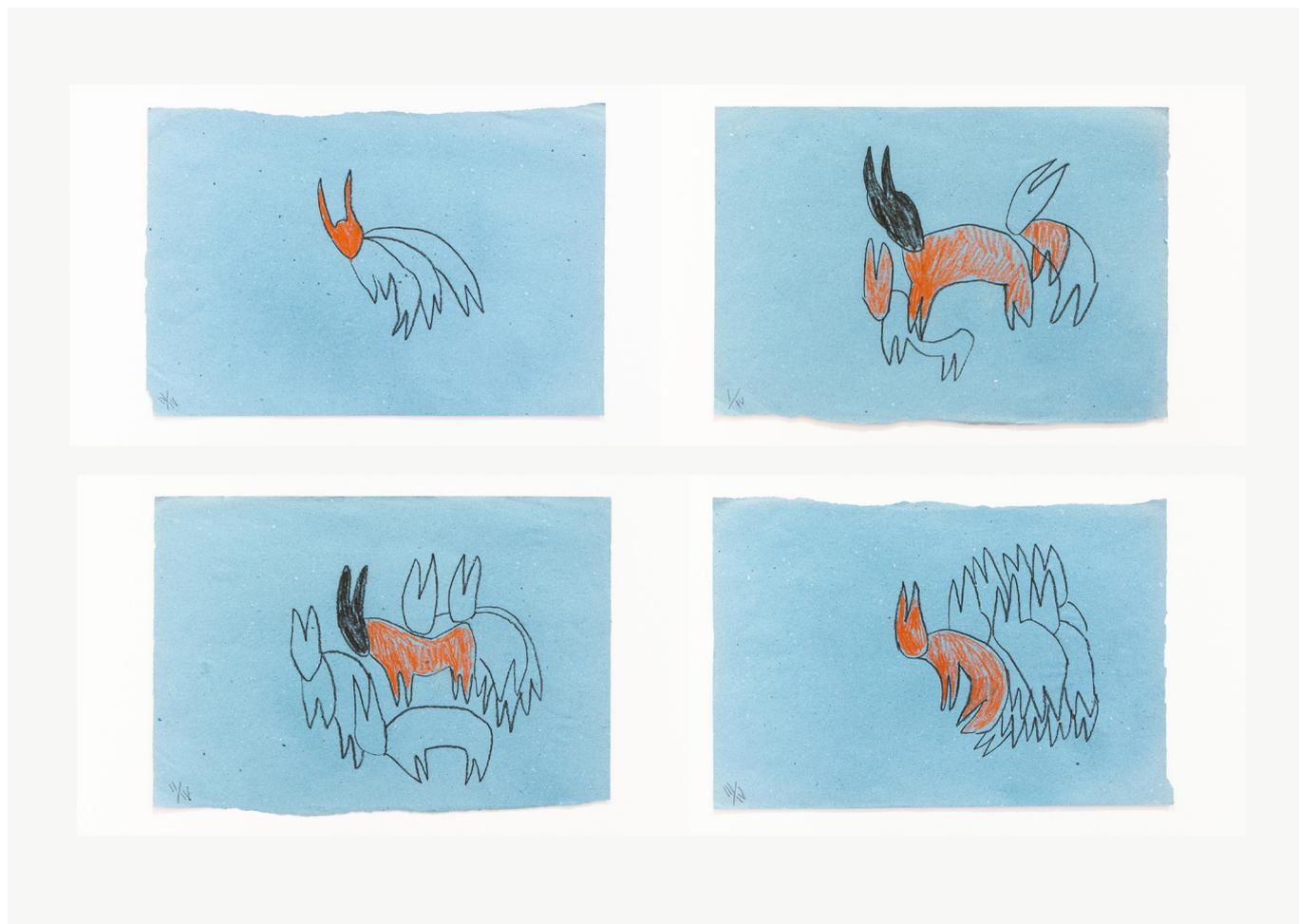


Imagem 04: Políptico "Sem Título (2020)". Fonte: Acervo da artista.

De singelos títulos, suas obras ilustram criaturas, situações amorfas e graciosas, que fazem serelepes aparições, borboleteiam por aí inebriando olhares, fantasiando lugares, figuras espirituosas que são. Nesse caminho para o abstrato, a artista nos conduz, como quem dá a mão para uma brincadeira, como uma nuvem doce e macia, uma translúcida bolha de sabão, o farfalhar das folhas, quem sabe mais de um arco íris ao fundo, o orvalho da chuva, as gotas dos céus e do suor da alegria febril, o cantar dos pássaros, grilos e cigarras, ou o ancestral silêncio cosmológico, primeiro barulho de nada que se fez ecoar pelos vales terrenos. Assim Tadáskia concebe pictoriedades divertidas, enuncia fabulares pueris, brinca de inventar: rodas, cantigas, cantares, auroras, sonhos. Ssshhh...

UM OLHAR FLUMINENSE NO FESTIVAL INTERNACIONAL OLHAR DE CINEMA

Durante os dias 01 e 09 de Junho de 2022, na cidade de Curitiba, aconteceu o Olhar de Cinema - festival internacional que reúne filmes de diversos países entre quatro salas. A mostra é dividida em núcleos, que ocupam as diferentes janelas de exibição ao longo da semana.

Concentrei meus comentários em trabalhos que de alguma maneira tangenciassem o território fluminense, fosse através de seus realizadores, autores ou ambientação. Tais obras estavam distribuídas em múltiplos setores da programação, logo também tinham proposições estéticas distintas.

—

Na sessão "**Pequenos Olhares**", filmes infantis/infanto-juvenis. Nas vezes que estive presente, foram levadas turmas do ensino básico para a sala de exibição. Era engraçado perceber as reações, o comportamento na sessão, a reprimenda das professoras pela inquietação dos alunos e uma resposta espectral genuína e quase imediata diante do que viam. Afinal, se os filmes foram feitos para tal público, é uma profícua experiência para os realizadores estarem na mesma sala.

O filme **Meu nome é Maalum (2021)**, de Luisa Copetti, é uma animação que conta a história de uma família preta, onde a filha de um casal sofre um caso de racismo através de seu nome. Os cenários são alternados por dimensões imaginativas que atravessam os quadros, árvores, traços, vão entrando no plano, ora dominando o quadro para nos situar na sala de aula, em casa, no jardim, ora saindo de tela para dar espaço a outras fantasias. Cumprindo certa função didática, seja no letramento racial ou na pedagogia da sala de aula, traz um digno final feliz.

Já **O fundo dos nossos corações (2021)**, de Leticia Leão, dialoga em outras questões identitárias. O curta inicia com uma sala de aula virtual do ensino básico, crianças e professora em telas tentam se comunicar. Durante a classe, quadros se

alternam conforme os alunos vão falando, as vozes e imagens se justapõem uma à outra, na caótica dinâmica do ensino digital. O intervalo chega e os colegas começam a falar como os filhos nascem. Alguns dizem que foi da cegonha, outros contam histórias mirabolantes.

A protagonista, que possui duas mães, pergunta para a professora, que por sua vez a orienta a buscar nas suas responsáveis a resposta. Em um papo rápido, elas elucidam que se conheceram “na faculdade de Cênicas”. Insatisfeita com as explicações acerca de seu advento no lar, ela retorna ao álbum de fotos da família e encontra alguns registros seus mais nova: não é suficiente. Fica chateada por não encontrar explicações satisfatórias, então as confronta novamente.

Certo dia, a garota encontra bilhetes no chão com pequenos recados - uma pequena brincadeira de caça-ao-tesouro - e segue as pistas propositadamente espalhadas pelos cômodos. Ao final, chega a uma cabana improvisada dentro de casa. À sua frente, um pano estendido. Atrás do pano, suas mães contracenam em um jogo de sombras, enquanto contam sua história. Uma apresentação teatral é a solução encontrada por ambas para arranjar um jeito criativo de contar que a filha foi adotada. De maneira divertida, outras maternidades são abordadas: sem perder a descontração, o filme naturaliza a formação de outros modelos de famílias.

Já na mostra “**Olhares Brasil**”, distintos prismas da “produção nacional”. Frente às dificuldades da cinematografia no país, também exhibe a interseccionalidade com outras nações.

No longa **Maputo Nakuzandza (2021)**, de Ariadine Zampaulo, uma noiva que abandona o altar é catalisadora de histórias sobre procuras e desvios. Ela anda a ermo, vaga pela cidade, desvinculada de seu lugar-origem, confunde-se com os cenários onde passa, é descoberta pelos transeuntes e noticiada na rádio local, de nome homônimo ao título do filme. Tal veículo de comunicação é atualizador fundamental de notícias, porta voz das mensagens da comunidade. Rádio no carro, na casa, ele nos situa na narrativa, confere fatos e nos localiza culturalmente.

As performances entremeiam a história, corpos e tecidos esvoaçantes em ruínas, competem com um silêncio presente em todo o filme, que nos deixa obser-

vando esses sujeitos à deriva. Gravado em Moçambique, o filme fala sobre machismo, lar - e suas derivadas rupturas.

No núcleo "**Outros Olhares**", a vontade de sair fora da curva.

O documentário **7 Cortes de Cabelo no Congo (2021)**, de Luciana Bezerra, Gustavo Melo e Pedro Rossi, dividido em sete atos durante noventa minutos, é gravado em um cabelereiro na periferia carioca, onde seus clientes chegam para aparar o visual e logo são inseridos em alguma discussão geopolítica. Com o passar dos depoimentos, tomamos dimensão que o proprietário do salão - condutor dessas histórias - é um sujeito atento às questões da nação congoleza, tendo servido no exército e em outras organizações de resistência militar: mostra vídeos no celular e fomenta a opinião alheia. Amigos e conhecidos trazem diferentes e divergentes perspectivas que acendem a tensão ideológica das inúmeras travessias e valores sociais por eles apresentados.

O francês, enquanto idioma do colonizador, é um dispositivo de violência. A educação civil define quem é gente e quem não é. Crê ser necessário uma ingerência política, ouvimos relatos da guerra civil, de navios negreiros de fuga, imagens de retorno ao Congo.

As relações de pertencimento territorial são tão complexas quanto as fronteiras que baseiam nossos trajetos. Pátria-mentira, pátria-origem. Lutar pelo bem do país ou fugir do país para o próprio bem? O retorno à própria nação ou ser eternamente estrangeiro em outro lugar: dicotomias delimitantes.

A trilha sonora, constantemente apoiada na guitarra elétrica, junto às imagens de drone que sobrevoam as paisagens naturais da África Central, proporcionam uma aura demasiadamente western, num deslumbrado "desbravamento". Acredito que o som poderia caminhar - mesmo que timidamente - em percussões ou outras melodias originárias do país, como a rumba ou o *soukous*.

Lá pelo quarto corte, que não é propriamente mais um corte de cabelo, e sim um corte fílmico, o entrevistado entoia acapella um canto anti-imperialista. Daí "os cortes", destes sete que são anunciados, vão adquirindo outros significados. De alguma maneira o discurso pan-africanista reverbera nas posições ideológicas, ora

mais brando, ora inflamado. Carregando um engajado discurso social, o filme encerra com uma manifestação levantada pelo proprietário do salão, num protesto contra a colonização europeia - que continua acontecendo - na África (e por que não, em outros continentes?).

O longa **"Os Primeiros Soldados" (2021)**, do diretor fluminense Rodrigo de Oliveira, conta a história sobre algumas das primeiras pessoas diagnosticadas com o HIV no Brasil. Da incerteza sobre o corpo à melancolia do isolamento, seja na solidão da doença, na fuga para o sítio, ou na longitude das coisas, lá longe, distâncias oceânicas de Paris. Na espera de uma solução para o que não se sabe o que é, sobrepõem-se dramas familiares, segredos meio ditos, no impedimento dos afetos, no silêncio do medo.

Um ponto alto é a atuação de Renata Carvalho: encarna uma artista, diva da comunidade LGBT de sua cidade no Espírito Santo, que a cada aparição preencha a sala com suas multifaces. Rose amargurada, Rose esperançosa, Rose histérica, Rose calada, Rose radiante, Rose magnetizadora em seus monólogos. Fazendo uma personagem de uma atriz, Renata constrói sutilmente as camadas de interpretações, nuances dos estados de humor, revelando pouco a pouco uma personagem complexa e fascinante.

Há um romantismo - ora melancólico, ora revigorante - presente nos personagens, onde exprimem suas poesias e fantasias, na consciência da efemeridade de suas existências, não temem em inventar seus mundos de ilusão. Na prática auto-laboratorial da sobrevivência, a criação de redes de conhecimento. No compartilhamento da intimidade, momentos de tensão e momentos de reflexão. O filme traz uma mensagem de amor, uma lição sobre o amor, um grito contra o esquecimento.

A sessão **"Olhares Clássicos"** se propõe a revisitar algumas obras já legitimadas na história do cinema brasileiro. Percebendo o perfil do festival e da cidade onde acontece, há tanto certo preciosismo pela tradição quanto uma responsabilidade de revisitação histórica.

O filme **Opinião pública (1967)**, de Arnaldo Jabor começa e termina com a visão do aterro do Flamengo, mostra uma cidade em construção para o moderno,

obras, novos prédios, habitações para o crescimento demográfico, as moradias-compartimentos pipocam nos centros urbanos.

Na intenção de executar um mapeamento etnográfico da classe média, a narração em off direciona as impressões dos entrevistados: ideais, relacionamentos, afinal o que é a vida? Ilusão e realidade.

Na orla, espaço de lazer e prosa, uma roda de amigos fala sobre o futuro, mil e uma expectativas. Na hora do almoço, falam sobre vencer na vida. Os trabalhadores, em suas repartições, tentam vencer na vida. A busca do sucesso, da sua verdade, a luta pela "vontade" de cada um. Assim imprimem o ser humano médio, com ambições médias, atitudes medianas, nada além do permitido ou esperado. Esse atrelamento às normas e instituições civis, como a família ou a igreja, são características indissociáveis desses sujeitos. Representando a religião como um pilar para a continuidade da existência de tais indivíduos, o documentário ilustra alguns catárticos e delirantes retratos da fé, seja no supressor pentecostalismo ou nos gingados da umbanda.

O filme possui dois pontos chave, cativantes na crueza de seu registro:

O primeiro é o de uma mulher - mais velha, como se coloca diante das demais - versando sobre romance. Elocubra sobre relacionamentos, suas perspectivas da paixão. Gostar muito e sentir saudade é amar? Amor é desejo carnal mas é mais. Que homem vale se casar? Um bom homem deve ser trabalhador, não deve se casar com homem vagabundo, nem 10% vagabundo - reitera.

O segundo é a de um senhor militar que discursa sobre valores morais. Austero para o entrevistador, louva seu ofício, sua trajetória de vida e uma criança - um de seus filhos ou netos que preenchem a casa - olha para a câmera e se exhibe. Despontando ao olhar, ele faz gracinhas, preenche o quadro com caretas, línguas e ingenuamente tira sarro de toda a cena.

Os papéis de gênero ficam explícitos nos takes, onde homens e mulheres não discursam em um mesmo plano, ou quando são os homens que abrem a boca, as mulheres ficam caladas. Como habitual, discursos alienantes a favor da desigualdade social e a cafonice marcam presença nas imagens.

Opinião Pública, apesar de algumas pretensões, explica muito o que nos acontece, Em relatos genuínos, escancaramos a cara para padrões sociais tão démodés quanto em voga, talvez porque ainda sejamos os mesmos.

—

O festival acontece anualmente e essa foi a primeira edição pós pandemia. Com uma ampla programação, incluindo debates, mesas redondas, e lançamento de livros, trouxe participantes dos filmes para a cidade assim como prestigiou a produção local.

Toda agenda pode ser conferida no site deles¹.

Publicado 23 de Junho de 2022 na Crítica Quinzenal.

1. Link para o site Olhar de Cinema: <https://www.olhardecinema.com.br/>